LEITURA NA CULTURA DIGITAL: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E MEDIAÇÃO DOCENTE NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

READING IN DIGITAL CULTURE: POSSIBILITIES, CHALLENGES AND TEACHER MEDIATION IN THE FORMATION OF CRITICAL READERS

Vanda Fantin[1]
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva[2]

RESUMO: Este artigo buscou analisar as possibilidades e os desafios da leitura na cultura digital para a formação do leitor crítico, considerando as transformações nos suportes, nas práticas de compreensão e no papel da mediação docente. Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, caráter descritivo e exploratório, desenvolvida a partir de artigos científicos e documentos educacionais relacionados à leitura digital, compreensão leitora, hipertexto, multiletramentos e práticas pedagógicas. A análise da literatura evidencia que os ambientes digitais ampliam o acesso a textos, linguagens e formas de participação, podendo favorecer engajamento, interação e construção de repertórios. Entretanto, os efeitos sobre a compreensão não são uniformes e dependem de fatores como dispositivo, características do texto, objetivos de leitura, estratégias utilizadas e condições de mediação. Os estudos também apontam riscos relacionados à fragmentação da atenção, à navegação não orientada e à dificuldade de avaliar criticamente informações. Conclui-se que a formação do leitor na cultura digital requer práticas pedagógicas intencionais que articulem diferentes suportes, ensinem estratégias de compreensão e fortaleçam a análise crítica das fontes e dos discursos.

Palavras-chave: Leitura digital; Compreensão leitora; Mediação docente.

ABSTRACT: This article analyzed the possibilities and challenges of reading in digital culture for the formation of critical readers, considering changes in reading media, comprehension practices and the role of teacher mediation. This is a bibliographic study with a qualitative, descriptive and exploratory approach, based on scientific articles and educational documents concerning digital reading, reading comprehension, hypertext, multiliteracies and pedagogical practices. The literature indicates that digital environments expand access to texts, languages and forms of participation and may foster engagement, interaction and repertoire building. However, effects on comprehension are not uniform and depend on factors such as device, text characteristics, reading goals, strategies and mediation conditions. Studies also point to risks involving fragmented attention, unguided navigation and difficulties in critically evaluating information. It is concluded that reader education in digital culture requires intentional pedagogical practices that combine different media, teach comprehension strategies and strengthen critical analysis of sources and discourses.

Keywords: Digital reading; Reading comprehension; Teacher mediation.

INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais alterou de modo significativo as formas de produzir, circular e acessar textos. A leitura, antes fortemente associada ao impresso,

[1] Graduada em licenciada em Pedagogia (1995) e em História (2010) pela Faculdades Integradas de Ariquemes (FIAR), pós-graduada em Pedagogia Gestora: Administração, Orientação e Supervisão Escolar (2004) pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA). Mestrado em Ciências da educação na Christian Business School (CBS). E-mail: Vanda_fantin@hotmail.com.
[2] Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Psicopedagoga, Pedagoga e professora orientadora da Christian Business School (CBS). E-mail: rozineide.pereira1975@gmail.com. https://orcid.org/0009-0000-6863-7874.

passou a ocorrer também em computadores, tablets, smartphones, plataformas educacionais, redes sociais, bibliotecas digitais e outros ambientes caracterizados pela combinação de escrita, imagem, áudio, vídeo e hiperlinks. Essa mudança não elimina práticas anteriores, mas amplia os modos de interação com a linguagem e exige que a escola reflita sobre o que significa formar leitores em uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações.

No campo educacional, essa discussão ultrapassa a simples oposição entre papel e tela. A Base Nacional Comum Curricular reconhece a cultura digital como dimensão da formação dos estudantes e propõe o uso crítico, significativo, reflexivo e ético das tecnologias digitais nas diferentes práticas sociais (Brasil, 2018). Nesse contexto, ler envolve localizar informações, estabelecer relações, interpretar diferentes linguagens, reconhecer propósitos comunicativos, avaliar fontes e construir posicionamentos fundamentados.

Ribeiro e Marcon (2022) destacam que o hipertexto amplia percursos de leitura e pode favorecer experiências de multiletramentos, sobretudo quando mídias digitais e leitura impressa são articuladas pedagogicamente. Entretanto, a presença de recursos digitais não garante, por si só, compreensão mais profunda. A multiplicidade de links, estímulos e caminhos possíveis pode enriquecer a experiência leitora, mas também produzir dispersão quando o estudante não dispõe de estratégias adequadas para orientar a leitura.

Resultados de pesquisas recentes reforçam a necessidade de evitar generalizações. Li e Yan (2024), em meta-análise de 37 estudos experimentais, não encontraram diferença global significativa entre compreensão em leitura digital e impressa, mas identificaram variações relacionadas às características dos leitores, dos textos e das condições de leitura. Em revisão sistemática com crianças e adolescentes, Hare et al. (2024) observaram que o resultado mais frequente foi a ausência de diferença entre os suportes, embora o impresso aparecesse com maior vantagem em parte dos estudos de compreensão e o digital apresentasse resultados favoráveis em engajamento e outros desfechos.

Diante desse cenário, o problema que orienta este estudo é: de que maneira as práticas de leitura na cultura digital podem contribuir para a formação do leitor crítico e quais desafios apresentam para a compreensão leitora e para a mediação pedagógica no Ensino Fundamental? O objetivo geral consiste em analisar as possibilidades e os desafios da leitura em ambientes digitais para a formação do leitor crítico, considerando as

transformações nas práticas de leitura, a compreensão textual e o papel da mediação docente.

Como objetivos específicos, busca-se compreender as transformações das práticas de leitura no contexto da cultura digital; identificar possibilidades oferecidas pelos ambientes digitais para o acesso, a interação e a formação de leitores; analisar desafios relacionados à compreensão textual em telas; e discutir a importância da mediação docente para o desenvolvimento de práticas de leitura críticas e significativas.

MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório. A opção por esse percurso metodológico decorre da necessidade de reunir e interpretar contribuições teóricas e resultados de pesquisas sobre leitura digital, compreensão leitora, formação do leitor e mediação pedagógica, sem realização de coleta direta com participantes.

O levantamento bibliográfico priorizou produções científicas relacionadas aos descritores “leitura digital”, “compreensão leitora”, “formação do leitor”, “cultura digital”, “mediação docente”, “digital reading” e “reading comprehension”. Foram considerados artigos e revisões publicados, prioritariamente, entre 2020 e 2026, além de estudos anteriores reconhecidos como relevantes para compreender a comparação entre leitura impressa e digital. Também foram utilizados documentos educacionais brasileiros pertinentes ao tema.

Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos com relação direta com a questão de pesquisa, textos completos, trabalhos que discutissem leitura em suportes digitais, compreensão, hipertexto, estratégias pedagógicas ou formação do leitor e publicações com identificação bibliográfica verificável. Foram excluídos materiais duplicados, textos sem relação direta com o objeto, publicações meramente opinativas e estudos cujo foco não permitisse estabelecer relação com a formação leitora.

Após a seleção, realizou-se leitura exploratória, seletiva e analítica dos materiais. As contribuições foram organizadas em quatro categorias: leitura e formação do leitor na cultura digital; possibilidades da leitura em ambientes digitais; leitura em telas e compreensão textual; e mediação docente e formação crítica. A interpretação buscou identificar convergências, diferenças e condicionantes apresentados pela literatura, evitando tratar o suporte digital como fator isolado de sucesso ou fracasso.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental baseada em materiais de acesso público, sem participação direta de seres humanos, não houve coleta de dados pessoais ou intervenção com participantes. O estudo observa os princípios de integridade acadêmica, com identificação das fontes utilizadas e distinção entre resultados encontrados na literatura e interpretação das autoras.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Leitura e formação do leitor na cultura digital

A formação do leitor é um processo que envolve muito mais do que dominar o código escrito. Ler pressupõe construir sentidos, relacionar informações, mobilizar conhecimentos prévios, reconhecer diferentes intenções discursivas e posicionar-se diante do texto. Na cultura digital, essas capacidades continuam fundamentais, mas passam a ser mobilizadas em ambientes nos quais o texto frequentemente se articula a imagens, vídeos, sons, menus, links e outros recursos de navegação.

A BNCC situa a cultura digital entre as competências gerais da Educação Básica e enfatiza a necessidade de compreender, utilizar e criar tecnologias de forma crítica, significativa, reflexiva e ética (Brasil, 2018). Essa orientação aproxima a formação leitora da educação para o uso responsável da informação. O leitor contemporâneo precisa não apenas compreender o conteúdo que acessa, mas também observar autoria, contexto, finalidade, confiabilidade e formas de circulação.

Ribeiro e Marcon (2022) discutem o potencial do hipertexto para o desenvolvimento do leitor infantil e destacam sua relação com os multiletramentos. O hipertexto permite percursos não lineares, conexão entre diferentes conteúdos e articulação entre linguagens. Essas características podem ampliar repertórios e possibilidades de participação, desde que o estudante aprenda a orientar sua navegação e a manter um propósito de leitura.

Assim, a leitura digital não deve ser entendida apenas como a transposição de um texto impresso para uma tela. Ela envolve práticas culturais próprias, escolhas de navegação e diferentes níveis de interação. Para a escola, o desafio consiste em incorporar essas práticas sem abandonar aprendizagens fundamentais associadas à atenção, à compreensão, à interpretação e à argumentação.

3.2 Possibilidades da leitura em ambientes digitais

Os ambientes digitais ampliam as possibilidades de acesso a textos e materiais de leitura. Bibliotecas digitais, periódicos, livros eletrônicos, plataformas educacionais e acervos públicos podem aproximar o estudante de gêneros, autores e linguagens que nem sempre estão disponíveis no espaço físico da escola. Essa ampliação, entretanto, produz melhores resultados quando o acesso é acompanhado de critérios de seleção e de propostas pedagógicas coerentes.

Outro aspecto relevante é a multimodalidade. Em muitos textos digitais, o sentido é construído pela relação entre escrita, imagem, som, vídeo, infográficos e elementos interativos. A leitura passa, portanto, a exigir a integração de diferentes modos semióticos. Em vez de tratar esses elementos apenas como recursos de atração, o trabalho pedagógico pode explorar como cada linguagem participa da construção do significado e como diferentes formas de apresentação modificam a compreensão.

Zhu, Zhang e Irwin (2024), em meta-análise sobre aprendizagem de vocabulário em segunda língua por meio da leitura digital, identificaram efeitos positivos, embora condicionados por fatores como proficiência, formato de avaliação e características dos recursos digitais. Ainda que o objeto desse estudo seja específico, seus resultados ajudam a demonstrar que o potencial da leitura digital depende da qualidade do desenho da atividade e das características do leitor, e não somente da presença da tecnologia.

Também merece atenção o engajamento. Hare et al. (2024), ao revisar estudos com crianças e adolescentes, observaram maior ocorrência de vantagem digital em pesquisas que avaliaram engajamento, enquanto os resultados de compreensão foram mais heterogêneos. Esse dado sugere que interesse e envolvimento podem ser favorecidos por determinados recursos digitais, mas não devem ser confundidos automaticamente com compreensão profunda.

3.3 Leitura em telas e compreensão textual: desafios contemporâneos

A discussão sobre leitura em telas exige equilíbrio. Estudos não sustentam uma conclusão simples segundo a qual um suporte seja sempre superior ao outro. Delgado et al. (2018), em meta-análise de estudos publicados entre 2000 e 2017, encontraram uma pequena vantagem do papel para a compreensão, especialmente em determinadas condições, como leitura sob limite de tempo e textos informativos. O resultado chamou atenção para a influência das condições de leitura sobre o desempenho.

Pesquisas mais recentes apresentam um quadro mais nuançado. Li e Yan (2024) analisaram 37 estudos experimentais e não identificaram diferença geral significativa entre leitura digital e impressa, embora tenham encontrado variações associadas a moderadores. Isso indica que o suporte, isoladamente, não explica os resultados: características do texto, do leitor, do dispositivo e da tarefa interferem na compreensão.

Em revisão sistemática envolvendo crianças e adolescentes, Hare et al. (2024) também encontraram resultados mistos. Quase metade dos estudos de compreensão analisados não apresentou diferença entre digital e impresso; em outra parcela, o papel apresentou vantagem. Em contrapartida, resultados favoráveis ao digital apareceram com maior frequência em engajamento e em alguns outros desfechos. A diversidade desses achados reforça a necessidade de analisar o objetivo pedagógico de cada atividade.

Uma meta-análise em rede publicada por Clinton-Lisell e Litzinger (2026) acrescenta que o tipo de dispositivo também pode importar. O estudo encontrou desempenho de compreensão inferior em computadores e smartphones em comparação com o papel, enquanto a diferença entre papel e tablets não foi considerada confiável. Esses resultados não autorizam uma proibição de telas, mas mostram que a escolha do dispositivo e a forma de apresentação do texto precisam ser consideradas no planejamento.

Além do suporte, a navegação pode representar um desafio. Links, notificações, múltiplas janelas e mudanças frequentes de foco podem interromper o percurso de leitura. Para estudantes ainda em processo de consolidação de estratégias de compreensão, atividades digitais sem orientação podem favorecer uma leitura fragmentada. Por isso, ensinar a definir objetivos, monitorar a própria compreensão, retornar a trechos relevantes e selecionar informações torna-se parte do trabalho com leitura digital.

3.4 Mediação docente e formação do leitor crítico na cultura digital

A mediação docente permanece central em contextos digitais. A tecnologia amplia possibilidades de acesso e interação, mas não substitui a ação pedagógica de selecionar materiais, propor questões, orientar estratégias e acompanhar como os estudantes constroem sentidos. A formação do leitor crítico depende de experiências nas quais a leitura seja tratada como prática de compreensão, análise e posicionamento, e não como simples consumo de conteúdos.

Murphy e Arciuli (2024), em revisão sistemática sobre instrução digital de compreensão leitora com crianças que aprendiam inglês como língua adicional,

identificaram ganhos estatisticamente significativos em parte dos estudos, mas ressaltaram grande variação na qualidade metodológica e nos resultados. Entre as abordagens encontradas, estratégias explícitas e combinações de estratégias apareceram de forma recorrente, reforçando a importância do modo como a tecnologia é integrada ao ensino.

No trabalho escolar, a mediação pode incluir leitura orientada de textos digitais, comparação de fontes, análise de autoria, discussão sobre evidências, identificação de publicidade ou conteúdo persuasivo, verificação de informações e produção de sínteses. Essas práticas aproximam compreensão leitora e educação informacional, contribuindo para que o estudante desenvolva critérios próprios para lidar com o volume de conteúdos disponível.

A perspectiva crítica também requer que o estudante perceba que os ambientes digitais não são neutros. Conteúdos circulam em contextos específicos e podem ser organizados por interesses econômicos, sociais ou comunicativos. Sem transformar toda leitura em uma atividade de suspeita, cabe à escola ensinar perguntas fundamentais: quem produziu este texto, com qual finalidade, quais evidências apresenta, que informações estão ausentes e como essa mensagem se relaciona com outras fontes.

Portanto, a formação do leitor crítico na cultura digital depende de intencionalidade pedagógica. O professor não precisa escolher entre papel e tela como alternativas excludentes. Pode combinar suportes conforme os objetivos, favorecer leituras mais longas quando necessário, explorar recursos multimodais quando eles contribuírem para o sentido e ensinar estratégias específicas para que os estudantes naveguem, compreendam e avaliem informações com maior autonomia.

RESULTADOS

A análise da literatura permitiu organizar os achados em quatro resultados principais. O primeiro refere-se à ampliação das possibilidades de acesso, circulação e diversidade textual proporcionada pelos ambientes digitais. Estudos sobre hipertexto e multiletramentos indicam que a leitura digital pode favorecer contato com diferentes linguagens e percursos de leitura, especialmente quando integrada a propostas pedagógicas com objetivos definidos.

O segundo resultado mostra que não existe consenso científico que permita afirmar superioridade geral da leitura digital ou da leitura impressa. A meta-análise de Li e Yan (2024), com 37 estudos experimentais, não encontrou diferença global significativa na

compreensão entre os dois suportes. A revisão de Hare et al. (2024), com 88 artigos e 121 estudos, encontrou como resultado mais frequente a ausência de diferença, embora parte das pesquisas tenha favorecido o impresso na compreensão e o digital no engajamento.

O terceiro resultado evidencia que as condições de leitura funcionam como variáveis importantes. Tipo de dispositivo, necessidade de navegação, gênero textual, tempo disponível, idade dos leitores e características da tarefa podem modificar os resultados. Dessa forma, comparar apenas “papel” e “digital” sem considerar essas condições reduz a complexidade do fenômeno.

O quarto resultado refere-se à mediação pedagógica. A literatura examinada sugere que recursos digitais produzem melhores oportunidades educacionais quando acompanhados de estratégias explícitas de compreensão, orientação da navegação e atividades que exijam análise e avaliação das informações. A simples disponibilização de textos em tela não constitui, por si, uma prática de formação leitora.

Tabela 1 - Síntese das categorias e achados da revisão

Categoria	Possibilidades	Desafios/condições
Acesso e diversidade	Ampliação de acervos, gêneros e linguagens.	Seleção de fontes e desigualdades de acesso.
Hipertexto e multimodalidade	Percursos interativos e integração de diferentes linguagens.	Dispersão e perda do propósito de leitura.
Compreensão	Pode ser equivalente ao impresso em diversas condições.	Resultados variam por dispositivo, texto, tarefa e leitor.
Engajamento	Recursos digitais podem ampliar interesse e participação.	Engajamento não garante compreensão profunda.
Mediação docente	Ensino de estratégias, comparação e avaliação de fontes.	Exige planejamento e intencionalidade pedagógica.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026), com base na literatura analisada.

DISCUSSÃO

Os resultados permitem compreender a leitura digital como prática situada, cujos efeitos dependem da relação entre suporte, texto, leitor, tarefa e mediação. Essa interpretação evita dois extremos frequentes: considerar a tecnologia como solução automática para dificuldades de leitura ou tratá-la como responsável, por si só, pela superficialidade da compreensão. A literatura examinada mostra um cenário mais complexo.

A ausência de diferença geral encontrada por Li e Yan (2024) e a predominância de resultados sem diferença na revisão de Hare et al. (2024) indicam que a discussão pedagógica precisa deslocar-se da pergunta “qual suporte é melhor?” para questões como “qual suporte é mais adequado a este objetivo?”, “que estratégias o estudante precisa mobilizar?” e “como a atividade será mediada?”. Esse deslocamento é relevante porque reconhece a diversidade das práticas de leitura existentes na escola e fora dela.

Os achados de Delgado et al. (2018) e Clinton-Lisell e Litzinger (2026) também demonstram que determinadas condições podem favorecer diferenças de compreensão. Tempo limitado, textos informativos e certos dispositivos aparecem como variáveis que merecem atenção. Portanto, a decisão pedagógica não deve basear-se apenas na disponibilidade tecnológica, mas no tipo de aprendizagem pretendida e nas características dos estudantes.

Outro ponto importante é distinguir acesso de formação. A disponibilidade de conteúdos digitais amplia oportunidades, mas o excesso de informação pode aumentar a necessidade de orientação. O leitor crítico precisa desenvolver critérios para selecionar fontes, reconhecer relações entre textos, verificar informações e compreender como diferentes linguagens participam da construção de sentidos. Nesse aspecto, a escola possui papel formativo que não pode ser transferido ao dispositivo.

A mediação docente emerge, portanto, como elemento articulador. Os resultados apresentados por Murphy e Arciuli (2024) mostram que a instrução digital pode contribuir para a compreensão, mas os efeitos variam e dependem das estratégias utilizadas. A tecnologia pode servir como ambiente para práticas potentes de leitura, desde que as atividades sejam planejadas para promover compreensão, e não apenas rapidez de acesso ou execução de tarefas.

Como limitação, esta pesquisa é bibliográfica e reúne estudos realizados em contextos, faixas etárias e condições distintas. Além disso, parte das evidências internacionais não pode ser transferida automaticamente para todas as escolas brasileiras. Novos estudos podem investigar práticas concretas de mediação em diferentes etapas da Educação Básica, comparar tipos de dispositivos e analisar como estudantes desenvolvem critérios de avaliação de fontes em situações reais de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura na cultura digital amplia os espaços, os suportes e as formas de interação com os textos, trazendo possibilidades relevantes para a formação do leitor. O acesso a diferentes acervos, a presença de múltiplas linguagens, a hipertextualidade e determinadas formas de interação podem favorecer experiências diversificadas e ampliar o envolvimento dos estudantes.

A análise realizada, contudo, mostra que os benefícios não são automáticos. As evidências sobre compreensão variam de acordo com o dispositivo, o gênero textual, o objetivo da leitura, o tempo disponível e as estratégias mobilizadas. Por essa razão, não é adequado estabelecer uma oposição simplificada entre leitura impressa e digital. Os dois suportes podem integrar práticas pedagógicas, desde que selecionados de acordo com finalidades claras.

A mediação docente ocupa posição decisiva nesse processo. Formar leitores críticos em tempos digitais significa ensinar a compreender textos, navegar com propósito, relacionar informações, avaliar fontes, reconhecer diferentes perspectivas e justificar interpretações. A escola, portanto, não deve limitar-se a inserir tecnologias nas atividades de leitura; precisa criar condições para que os estudantes aprendam a utilizá-las com autonomia intelectual e responsabilidade.

Conclui-se que a formação do leitor contemporâneo requer a articulação entre competências tradicionais de compreensão e novas exigências da cultura digital. O desafio pedagógico não está em escolher definitivamente entre papel e tela, mas em desenvolver práticas de leitura capazes de transformar a diversidade de suportes em oportunidades efetivas de aprendizagem, reflexão e participação crítica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CLINTON-LISELL, V.; LITZINGER, C. **Decoding digital reading**: a network meta-analysis of comprehension across devices. Education and Information Technologies, 2026. DOI: 10.1007/s10639-025-13843-8.

DELGADO, P. et al. Don’t throw away your printed books: a meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. **Educational Research Review**, v. 25, p. 23-38, 2018. DOI: 10.1016/j.edurev.2018.09.003.

HARE, J. et al. Children's reading outcomes in digital and print mediums: a systematic review. **Journal of Research in Reading**, v. 47, n. 3, p. 309-329, 2024. DOI: 10.1111/1467-9817.12461.

LI, Y.; YAN, L. Which reading comprehension is better? A meta-analysis of the effect of paper versus digital reading in recent 20 years. **Telematics and Informatics Reports**, v. 14, p. 100142, 2024. DOI: 10.1016/j.teler.2024.100142.

MURPHY, A.; ARCIULI, J. **Digital reading comprehension instruction in English for children with English as an additional language**: a systematic review. Journal of Research in Reading, 2024. DOI: 10.1111/1467-9817.12448.

RIBEIRO, K. C. S.; MARCON, K. **Leitura em tempos digitais**: o potencial do hipertexto no desenvolvimento do leitor infantil. Atos de Pesquisa em Educação, 2022. DOI: 10.7867/1809-03542022e11501.

ZHU, T.; ZHANG, Y.; IRWIN, D. Second and foreign language vocabulary learning through digital reading: a meta-analysis. **Education and Information Technologies**, v. 29, p. 4531-4563, 2024. DOI: 10.1007/s10639-023-11969-1.